



Paulo Pinheiro Machado, **Lideranças do Contestado**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

**Contestado: a história bem-contada**

Tese vira livro definitivo sobre a Guerra do Contestado, um dos episódios mais sangrentos (e ignorados) do Brasil

*por Luiz Sugimoto*

Maria Rosa, uma "virgem" bonita de 15 ou 16 anos, que se vestia de branco e montava um cavalo branco, era a líder espiritual de um reduto sertanejo no planalto catarinense chamado Caraguatá, palco de um dos combates mais ferozes da Guerra do Contestado. O saldo foi de 24 mortos, 21 feridos e 3 desaparecidos nas tropas oficiais, e 37 mortos entre os defensores do reduto. Deve ter sido dela a idéia de usar táticas inspiradas em traquinagens adolescentes, que se mostraram decisivas para a expulsão do inimigo e por isso ecoaram pelo planalto como proezas de batalha. "Durante a refrega, os sertanejos empregaram todos os seus ardis de lutadores do mato. Uma coluna de sertanejos vestidos com roupas de mulheres distraía os soldados, enquanto vários franco-atiradores, escondidos em ocos de imbuías e em galhos elevados de araucária, dizimavam a coluna militar. (...) Soldados eram atraídos, por determinados caminhos, para o interior da mata e emboscados em locais sem saída, cheios de espinheiros de inhapindaí", escreve Paulo Pinheiro Machado, no livro *Lideranças do Contestado*, lançado pela Editora da Unicamp (2004).

O livro é uma versão modificada da tese de doutorado defendida por Paulo Machado em 2001, junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. A Guerra do Contestado, que durou de 1912 a 1916, foi assunto proibido entre os catarinenses até há quatro décadas e permanece ignorado na historiografia brasileira porque não teria passado de um movimento de fanáticos religiosos, bandoleiros e desordeiros. O professor Cláudio Henrique de Moraes Batalha, que orientou a tese de doutorado, lembra na orelha do livro que "já houve quem dissesse que faltou ao Contestado seu Euclides da Cunha, que pudesse torná-lo tão conhecido quanto Canudos".

Paulo Machado, evidentemente, não demonstra qualquer pretensão euclidiana, apesar de seu talento literário. Mas o estudo, riquíssimo em documentação e em depoimentos orais, já é considerado definitivo por alguns historiadores, tendo provocado a reinterpretação de vários aspectos do conflito publicados anteriormente. Ele próprio, no entanto, defende os outros autores, afirmando que teve a sorte de localizar 22 sobreviventes ou descendentes de sobreviventes da guerra (de ambos os lados), durante as doze viagens que fez à região entre 1998 e 2000. Outra sorte foi que, por conta do centenário de Canudos, o Arquivo Histórico do Exército (Ahex) liberou farta documentação, inacessível até 1996, em meio à qual ele encontrou 32 caixas referentes à campanha das tropas no Contestado.

O grande palco - "O Contestado é uma extensa região de planalto na divisa entre Santa Catarina e Paraná, que ganhou esse nome porque tinha sua jurisdição disputada pelos dois Estados", explica Paulo Machado, hoje professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Segundo o historiador, em que pesem as características messiânicas do movimento que amealhou crentes de toda a região e de fora dela, a guerra foi gerada por problemas de diferentes origens. "Os conflitos ocorreram paralelamente a uma política de terras do governo catarinense que facilitava a fraude e a legitimação, por um número pequeno de fazendeiros, das posses de populações

caboclas. Acontecia o mesmo no resto do país, mas no planalto de Santa Catarina, uma região de fronteira agrícola, a disputa pela terra era particularmente violenta", afirma.

Os conflitos se intensificaram com a inauguração em 1910 da Ferrovia São Paulo–Rio Grande. "Na concessão para construção da estrada de ferro, o governo doou à Brazil Railway faixas de terras até 15 quilômetros de cada lado da linha. Consideradas oficialmente como terras devolutas, na verdade eram ocupadas por posseiros havia muitas gerações. Como o título de propriedade, na prática, não impediria que um coronel os expulsasse a qualquer momento, a população cabocla defendia a posse no braço", conta o pesquisador. É num solo semeado por tragédias, portanto, que crescerá o movimento trazendo de volta uma esperança.

São João Maria - Paulo Machado ocupa a primeira parte do livro para uma descrição minuciosa e consistente do processo de ocupação do planalto catarinense, desde os bugres, tropeiros e birivas no caminho das tropas, até inserir no cenário a figura do monge João Maria, ou São João Maria, como foi santificado pela população. "Pelo menos dois indivíduos assumiram o papel de João Maria na região. O primeiro a perambular por lá foi um italiano, João Maria de Agostinho, por volta de 1849. Dizendo-se um penitente, andava de Santa Maria (RS) a Sorocaba (SP) com seu cajado, roupas de riscado simples e um boné de pele de jaguatirica", conta o professor.

João Maria de Agostinho dedicava-se a convencer as populações sertanejas de que deveriam erguer cruzeiros em certos locais (normalmente 14, o número de estações da Via Sacra de Cristo), usar fontes especiais de águas curativas, não comer carne aos sábados e guardar uma vida de respeito e penitência. Identificado pela falta de dois dedos na mão direita, nunca mais foi visto depois de 1870. "Apesar dos relatos de outros João Maria e em épocas distintas, para os crentes do planalto só existiu um. Relatam-se aparições suas em 1938, 1954 e 1961, e a população acha que ele ainda vive, "encantado" no morro do Taió, com mais de 200 anos de idade", diz o historiador.

Início da saga - Em 1912, na cidade de Curitiba, surgiu o curandeiro José Maria, logo associado ao monge João Maria. Convidado para a Festa do Bom Jesus na comunidade de Taquaruçu, em 6 de agosto daquele ano, José Maria atraiu um grande número de doentes e a aglomeração, ao invés de se dispersar ao final da festa, foi aumentando. "O prefeito de Curitiba desconfiou que José Maria estivesse a serviço do maior adversário político local e chamou a polícia de Florianópolis para dispersar os sertanejos, acusando-os de fanáticos e monarquistas", recorda Machado. Expulso, o curandeiro foi seguido por um grupo de sertanejos até Irani, no centro do Contestado, região então administrada pelo Paraná.

A imprensa de Curitiba protestou imediatamente, acusando os catarinenses de enxotar o grupo at

Comunismo - De acordo com relatórios militares sobre a batalha, a morte de José Maria significava o fim do movimento, pois os sertanejos perderam sua principal liderança mística. Assim tinha sido com Antonio Conselheiro na Bahia e com a sacerdotisa Jacobina na revolta gaúcha dos Muckers. "Mas, no Contestado, a guerra começa justamente por causa da morte desta liderança. José Maria é santificado, sob a profecia de que voltaria no ano seguinte à frente de um exército "encantado", afirma Machado.

Se, no primeiro combate em Irani, os sertanejos nem rebeldes eram, e não entendiam o porquê da agressão, no ano seguinte passaram a disseminar um projeto de sociedade por toda a área de devotos do primeiro monge João Maria. O projeto era de uma vida em comunidade, no "quadro santo" ou "cidade santa", onde as pessoas detinham a posse comum sobre terras, rebanhos e lavouras. Na praça central das cidadelas, marcada por quatro cruzeiros, a população se reunia para rezar e receber as tarefas distribuídas pelos comandantes. "Há relatos sobre um reduto com 5.500 casas, 27 igrejas e mais de 20 mil habitantes, sendo 10 mil os homens de briga", lembra Paulo Machado.

O grande cerco - Para o Contestado foram deslocados oito mil soldados do Exército (mais da metade do efetivo) e contingente semelhante com forças paranaense, catarinense e vaqueanos (capangas contratados). O Exército, contudo, evitou os confrontos diretos, preferindo promover cercos através de colunas chegando pelos quatro cantos dos redutos. "O objetivo era reprimir todo o comércio dos sertanejos, que geralmente trocavam erva-mate e couro por armas, munições e mantimentos. A fome levou a rendições em massa de sertanejos no início e no final de 1915, e no começo de 1916", relata o professor.

A perseguição dos rebeldes que restaram foi feita por capangas dos coronéis, financiados pelo Estado. "Os vaqueanos literalmente caçavam caboclos no mato, sendo pagos pelo número de orelhas que apresentavam. É uma época da guerra chamada de "açougue", diz Paulo Machado. As estatísticas, muito imprecisas, variam de 3 mil a 30 mil mortos. "Em combate, não chegariam a mil. Mas a fome matou famílias inteiras nos redutos, seguramente mais de 10 mil pessoas", estima o historiador.

---

\*Publicado no Jornal da Unicamp, 23 de maio a 5 de junho de 2005 .